



Encontro Inter-regiões - Sul

Região Sul - Evento virtual
De 1 a 31 de outubro de 2020



EXPOCOM - RELATÓRIO DE PRODUÇÃO DO TRABALHO

INSCRIÇÃO	00207
INSTITUIÇÃO	Universidade Estadual de Ponta Grossa
CAMPUS	Santa Cruz
CIDADE	Guarapuava
UF	PR
CATEGORIA	PT
MODALIDADE	PT11
TÍTULO	Violência Sexual - Não é sua culpa
ESTUDANTE-LÍDER	Paula Cabrera Claro
CURSO ESTUDANTE-LÍDER	Jornalismo
COAUTOR(ES)/ ORIENTADOR(ES) CURSOS:	Priscila Pollon Galina (Universidade Estadual do Centro-Oeste); Renatha Maria Giordani (Universidade Estadual do Centro-Oeste); Ariane Carla Pereira (Universidade Estadual do Centro-Oeste); Geziel Thomas de Jesus (Universidade Estadual do Centro-Oeste)

DESCRIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO:

Mais de 66 mil casos de violência sexual foram registrados no Brasil em 2018. Destes, 32 mil referem-se a abusos sexuais contra crianças e adolescentes. O levantamento do Ministério da Saúde ainda revela que a cada quatro casos, em um deles o abusador fazia parte do círculo de convivência da vítima. A nível estadual, dados da Secretaria de Segurança Pública do Paraná (Sesp) revelam que 6251 casos de estupro foram notificados em 2019 no Estado. No município de Guarapuava, situado no interior do Paraná, foram registrados 69 casos entre os meses de janeiro e novembro do mesmo ano. Uma violência estigmatizada e com histórico de baixa notificação. O constrangimento e medo de retaliação das vítimas corroboram para esta triste realidade. Em média, 50% dos casos acontecem no âmbito familiar e 43% das vítimas possuem menos de 14 anos de idade. É pensando nestas estatísticas que nasce o projeto "Não é sua culpa". Uma tentativa de combater esta violência e acolher as vítimas através de um produto multimídia e intuitivo. O projeto conta com um aplicativo, site e materiais impressos com informações sobre a violência, como enfrenta-la e onde procurar ajuda.

DESCRIÇÃO DAS PESQUISAS REALIZADAS:

O projeto foi desenvolvido a partir de inquietações sobre a violência sexual em Guarapuava/PR. Ele surge devido uma demanda comunicacional da Rede de Enfrentamento à Violência contra a Mulher do município, que identificou uma falta de materiais de conscientização sobre a violência sexual e a necessidade de divulgar essas informações entre possíveis vítimas e dentro da própria Rede (profissionais da saúde, delegacias e secretarias). Dessa forma, o projeto busca atender dois públicos: as vítimas de violência sexual e os profissionais que atenderão essas vítimas. No primeiro semestre de 2019, membros da Rede organizaram um fluxo de atendimento às vítimas de violência sexual, porém, ele não se encontrava de maneira concisa e de fácil acesso à população. Muitas pessoas desconheciam onde poderiam encontrar ajuda e o que fazer após sofrer a violência. A subnotificação de casos também foi um problema encontrado. Segundo o Fórum de Segurança Pública, apenas 10% dos casos de violência sexual no Brasil são notificados. A violência sexual ainda é um tabu, o que leva a muitas vítimas não denunciarem, especialmente quando ela ocorre dentro de casa. Pensando na comunicação e no jornalismo como uma ferramenta para o combate à violência sexual, foram desenvolvidos os seguintes produtos: - Materiais impressos (cartazes, folderes e cartilhas): Os materiais impressos podem ficar disponíveis em diversos locais, como estabelecimentos comerciais, postos de saúde e outros espaços públicos. Eles são essenciais para alcançar o público que não tem acesso ilimitado à internet e que também está suscetível à violência sexual. Foram desenvolvidos 6 cartazes direcionados às mulheres (eles contêm frases ouvidas frequentemente e que culpabilizam a vítima pelo estupro ou abuso), 2 direcionados às crianças (estes seriam deixados em escolas) e 2 que resumem o fluxo de atendimento (um deles refere-se ao que fazer em até 72 horas após a agressão e o outro sobre o que fazer se ocorreu há mais de 72 horas). Também produzimos dois folderes. Um voltado, especificamente, para Guarapuava e outro mais genérico, que pode ser usado em todo o

Paraná. Isso porque o fluxo de atendimento depende do protocolo de cada município. As instituições que realizam esse atendimento, por exemplo, não são as mesmas para todas as cidades. Para resolver esse problema, o folder generalista volta-se para as principais prerrogativas do atendimento à vítima de violência sexual. As cartilhas também possuem duas versões: uma para possíveis vítimas e outra para os profissionais da saúde. A cartilha para vítimas conta com as informações do folder mais aprofundadas, além das principais formas de violência sexual, o que dizem as leis e as principais dúvidas sobre o tema. O material para profissionais da saúde foca em outras questões, como o atendimento humanizado, o exame de corpo de delito, medicamentos, etc. Todo material impresso possui um QR Code, direcionando para o site do projeto. - Site: O site concentra todo o material desenvolvido e busca atingir um número maior de pessoas, não limitando a informação apenas ao município. Ele cumpre outra demanda levantada pela Rede de Enfrentamento à Violência contra a Mulher. - Aplicativo para dispositivos móveis - O aplicativo busca auxiliar as vítimas após a violência. Em muitos casos, é necessário tomar uma série de medicamentos que possuem efeitos colaterais, há consultas de rotina, exames, acompanhamento psicológico, etc. Todos esses processos, por fazerem a vítima "revisitar" a agressão constantemente, podem ocasionar no abandono desse acompanhamento que é essencial para a saúde. Pensando nisso, o app funciona como uma ficha de acompanhamento, em que as mulheres podem compreender todo o fluxo de atendimento, programarem os atendimentos e serem alertadas sobre os próximos procedimentos.

DESCRIÇÃO DA PRODUÇÃO:

O 'Não é sua culpa' nasceu de inquietações sobre uma das violências mais estigmatizadas: a sexual. Falar sobre o tema exige cautela e cuidado, principalmente por se tratar de um tabu em nossa sociedade machista e patriarcal. Várias problemáticas envolvem o tema. Além do tabu, a dificuldade em denunciar o agressor, a falta de informação sobre o que fazer após a violência, o sentimento de posse do homem perante o corpo da mulher, entre diversas outras. Logo no início do projeto, identificamos outro problema, a falta de comunicação entre os órgãos responsáveis pelo atendimento dessas vítimas. Entre hospitais, unidades básicas de saúde, serviço social e delegacias havia a necessidade de uma melhor compreensão de que formas cada um dos serviços públicos poderia auxiliar as vítimas. Havia diversas informações sobre o papel de cada um dos órgãos, mas nenhum local onde estivessem concentradas. O nosso projeto tenta visibilizar essas informações, apresenta-las para a sociedade de uma maneira clara e de fácil entendimento, cumprindo a função primordial do jornalista, que é traduzir para as pessoas os temas centrais do cotidiano. Fazer a informação chegar até as pessoas e que esta seja útil para o seu público. Entre reuniões e conversas com o Cram (Centro de Referência de Atendimento à Mulher), buscamos entender e suprir as principais demandas comunicacionais acerca da violência sexual no município de Guarapuava e no Paraná, focando em dois públicos: as vítimas e os profissionais da saúde que as atendem. Todo o conteúdo foi pensado com o intuito de acolher as vítimas. A linguagem, as cores, o formato e as fotografias. Um dos principais objetivos do 'Não é sua culpa' é mostrar às vítimas que elas não estão sozinhas, mostrar que elas podem procurar ajuda, que têm o direito de denunciar e que a sua saúde mental e física são importantes. Afinal, a violência sexual atinge qualquer camada social, gênero, cor e faixa etária. Atinge predominantemente mulheres e é massivamente frequente na infância. As estatísticas representam apenas uma pequena parcela da incidência desse crime. Ela não pode e nem deve ser ignorada. A segunda vertente busca auxiliar os profissionais da saúde que atendem essas vítimas. O enfoque ao atendimento humanizado ressalta a importância do acolhimento nos hospitais. Este provavelmente será o primeiro local procurado pela vítima e o momento em que ela precisará de ajuda para admitir que passou por uma violência. Os profissionais da saúde também devem estar cientes sobre os vestígios e a coleta de provas contra o agressor. No desenvolvimento de um material que atenda esses dois segmentos, buscamos incentivar a denúncia dos agressores, o acolhimento às vítimas e tornar a pauta do combate à violência sexual mais acessível para todos os públicos. Somente escancarando a existência da violência é possível combatê-la.